

LIÇÕES DO MONTE POCO MUALA




Coleção:
Ilhas e Encantamentos
São Tomé e Príncipe

Autor:
Alexandre Quaresma

Ilustrações:
Carlos Fidalgo





Este livro faz parte de uma coleção de 12 títulos, editada no âmbito do projeto **“Ilhas e Encantamentos- Reforço do setor da literatura infantojuvenil e de emprego cultural criativo”**.

O projeto integra vários territórios – **Ilha de Moçambique, Cidade Velha e Ilha do Maio (Cabo Verde)**, arquipélago dos **Bijagós (Guiné Bissau)** e **Ilhas de São Tomé e do Príncipe** – todos eles com um património material, imaterial e natural único, que se pretende mobilizar para a criação e publicação de literatura para a infância e juventude.

Ao leres este livro ficas a saber o que de melhor tem o nosso património... As nossas estórias, as nossas memórias e o nosso saber-fazer.






São Tomé e Príncipe

A língua portuguesa usa capulana, disse um dia Eduardo White. Natural de Quelimane, conta Doris Wieser na Buala como o poeta moçambicano era filho de mãe portuguesa e pai de descendência inglesa, bisneto de uma negra, raízes misturadas que tal como as capulanas, também falam. Também contam histórias.

Em São Tomé e Príncipe, os tecidos africanos que na Guiné-Bissau dão pelo nome de pano pinti e em Cabo Verde de panu di terra, conservaram a designação primordial. Aqui, “as capulanas influenciam o nosso ânimo”; essa “tradição de África” que remete para tons e padrões de “calor, alegria e Natureza”, operando o milagre: “as roupas transportam-nos para esse mundo cheio de vida”, resume a estilista são-tomense Roselyn Silva. Foi em 2020, à Visão. A visão, que além de revista é percepção, ideia e quimera, mantém-se intemporal.

O primeiro título do “Ilhas e Encantamentos” em São Tomé e Príncipe resulta de um trabalho que não se esgota na bela história imaginada pelo Alexandre Quaresma. Começou a escrever-se muito antes, com o enquadramento do Curso de Pedagogia e Didática da Literatura Infantojuvenil, promovido no arquipélago pelo PROCULTURA. Muitos dos professores que o concluíram com êxito, frequentaram depois nova formação em Educação Patrimonial, esta já no âmbito do projeto que à Associação Marquês de Valle Flôr juntou a Casa da Cultura de São Tomé e Príncipe; a Associação Sphaera Mundi de Cabo Verde; a Cooperativa Artissal do arquipélago dos Bijagós, na Guiné Bissau; e o Gabinete de Conservação da Ilha de Moçambique.





Nestas ilhas de encantamentos, cada grupo de trabalho se empenhou em identificar os elementos patrimoniais distintivos dos seus territórios. E escreveu sobre eles. No texto do Alexandre, a salvaguarda do património ambiental, a questão da escassez de recursos, as vivências diárias e os desafios que se colocam aos habitantes dos dois pequenos e paradisíacos espaços insulares situados no meio do mundo, ocupam lugar de destaque. Mas um lugar de destaque em todo este processo é devido não apenas ao autor, mas a toda a turma, a todos os professores e a todos os responsáveis que participaram, que se empenharam, que se envolveram. São tantos os nomes, que não seria possível citar todos; mas a referência fica, na certeza da continuidade de uma aventura que permanece em curso.

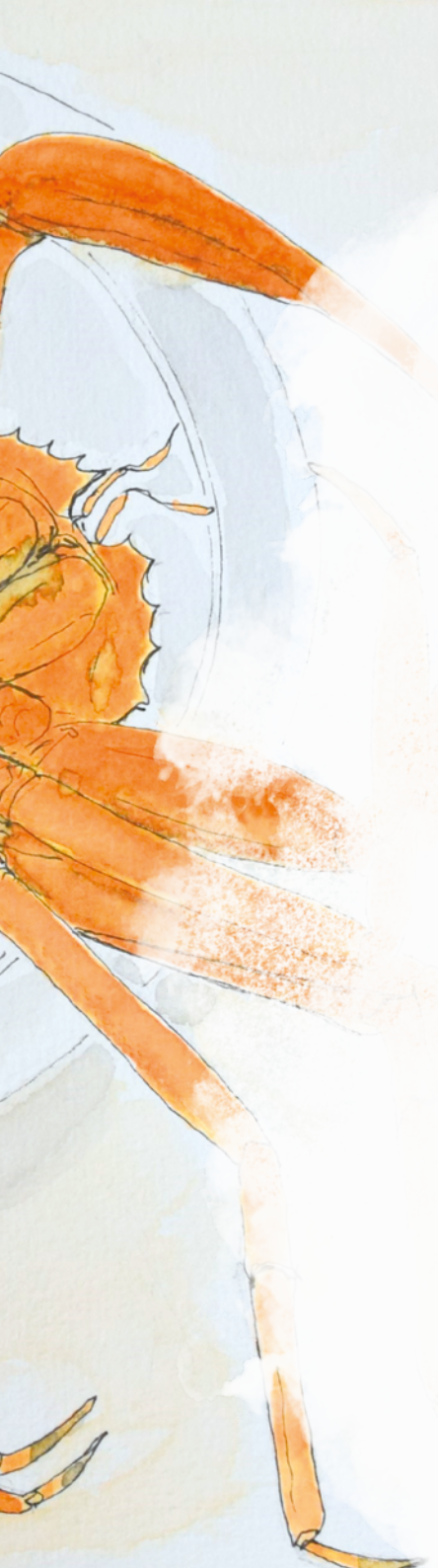


**LIÇÕES
DO MONTE
POCO MUALA**









A Vivência

Neves, cidade industrial, de onde se exporta para outras cidades do país combustível, cerveja, peixe fresco e seco. Onde se proporciona tanto aos são-tomenses como aos viajantes (turistas), o paladar do craky (caranguejo) à moda de São-Tomé e o passar de inesquecíveis momentos de lazer. Desde logo numa das suas saborosas petisqueiras – onde além de santolas não faltam o polvo grelhado, a banana assada ou a fruta-pão na brasa – mas sobretudo a contemplar as lindíssimas vistas: para o interior, impondo-se o Monte Poco Muala; para o litoral, de quase todos os pontos os olhos encontram o mar.

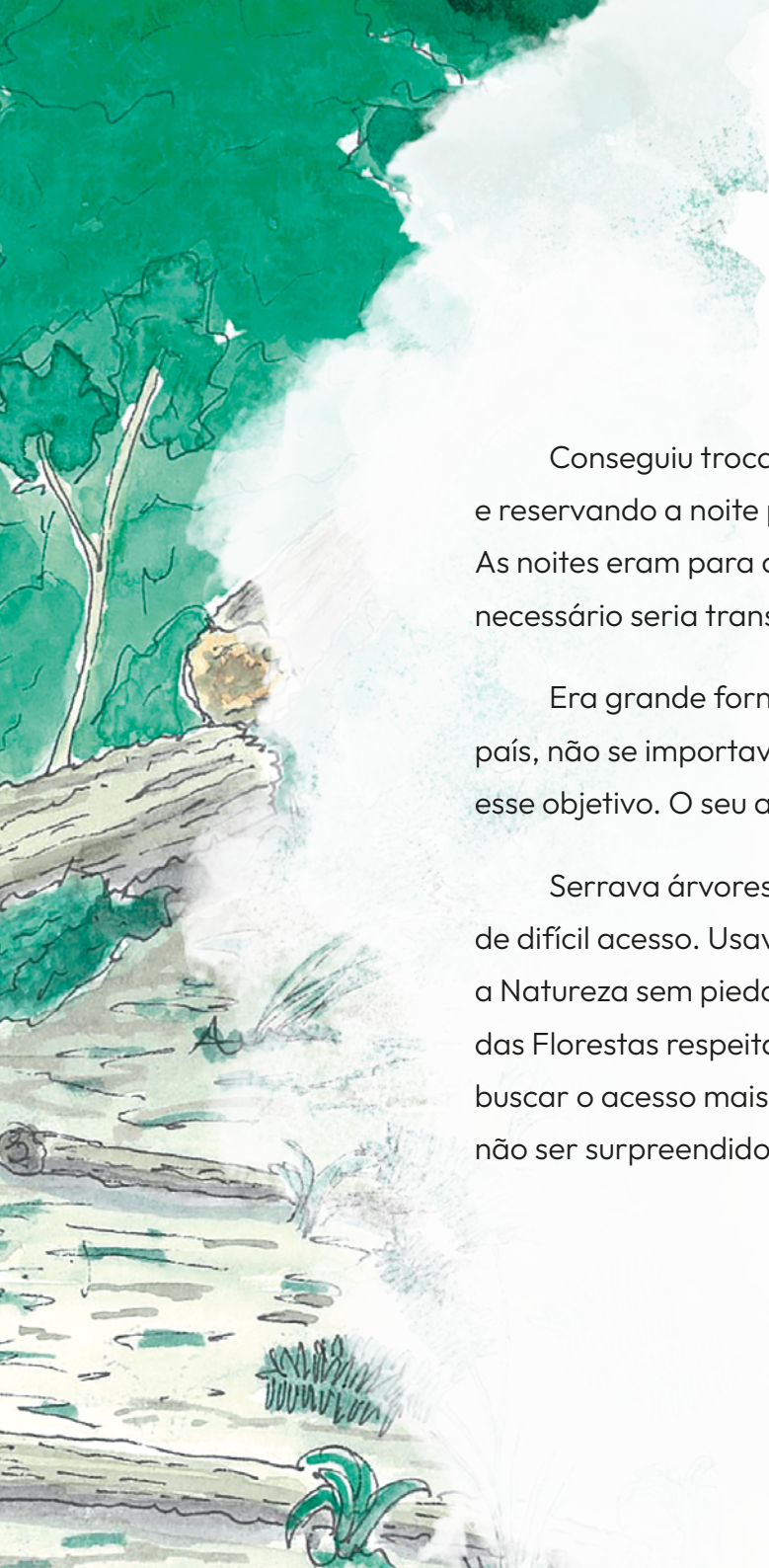
Aqui, não é difícil a qualquer um apaixonar-se pelo azul do oceano, escuro ou claro. Pelo erguer ou pelo descansar do sol. Pelas canoas em círculo ou em filas, na apanha do peixe. Por uma beira-mar recortada, de contornos alinhavados e picotados, com aquele Monte medonho, oferecendo terras e pedras, a todo o tempo, à via pública. Mesmo protegido pelas plantas que foram nascendo ao longo da encosta, a erosão deixa antever da destruição do ambiente natural existente. Ainda assim, mantendo uma incomparável beleza paisagística.

Zé Brabo é aqui encaixado, homem de profissões sem conta e de muitas famílias, vivendo numa casa modesta com apenas duas divisões, mas servindo de abrigo para cerca de oito elementos.







A watercolor illustration of a forest scene. On the left, a large green tree with a thin trunk stands on a rocky outcrop. Below it, a log lies on the ground. In the foreground, a stream flows, with a small green plant growing on the bank. The background is a soft, light green wash, suggesting a misty or sunlit forest atmosphere.

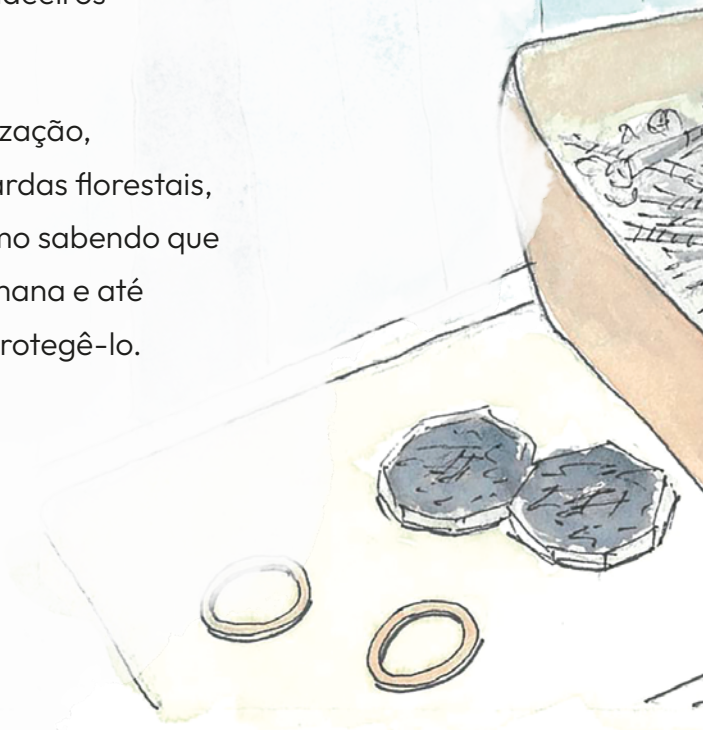
Conseguiu trocar o hábito humano, dormindo mais de dia e reservando a noite para atividades que pratica aleatoriamente. As noites eram para o Zé Brabo uma lei, que para se revogar, necessário seria transformar todo o seu modo de vida.

Era grande fornecedor de material de construção para todo país, não se importava com fosse o que fosse que pusesse em causa esse objetivo. O seu alvo era atingir a sua satisfação financeira.

Serrava árvores de pequeno e de grande porte em lugares de difícil acesso. Usava uma potente motosserra, capaz de destruir a Natureza sem piedade. Nem as espécies sinalizadas pela Direção das Florestas respeitava. A vida proporcionou-lhe este desafio: buscar o acesso mais difícil de atingir pelas autoridades, para não ser surpreendido ou, pior ainda, apanhado e preso!

Zé Brabo, homem sabido e inteligente. Era detentor de três empregos, que partilhava com outros três companheiros. Depois de serrarem as tábuas, barrotes e ripas, eles mesmos os carregavam em terra lamacenta, escorregadia, com curvas e contracurvas, na cabeça ou aos ombros. Em momentos mais cruciais, puxando-os a uma altura de 60/70 metros, com cabo de linho, para assim atingir terra firme e colocá-los num transporte combinado, para serem levados para o ponto de venda. De noite, alumidados por nada mais do que as suas cafucas (cadeeiros a petróleo, fabricados manualmente).

A mercadoria que vendiam tinha selo de autorização, pois resultava de uma teia formada por polícias, guardas florestais, agentes camarários e o responsável de venda. Mesmo sabendo que abusava de confiança e de pôr em perigo a vida humana e até o país, Zé não se importava, porque tinha muitos a protegê-lo.







A Derrocada

15 de Abril. Era uma sexta-feira e chovera torrencialmente, durante o dia e durante a noite. O Zé Brabo dirigiu-se ao encontro dos três companheiros de trabalho – o Carlos, o Lúcio e o Nené – para os desafiar a aproveitarem o mau tempo, longe dos cada vez mais habituais controlos florestais. Chamou-os:

– Rapazes, vamos aproveitar o tempo? Quem sabe lá, se hoje pode ser o nosso dia de sorte!

Carlos, de imediato, responde:

– Chefe, é verdade ou mentira? Penso que chefe não está a ver bem o que chove!

Interveio o Nené:

– Senhor Zé, pense bem! Quer nos matar ou o quê? Vamos deixar o tempo melhorar... Não quero morrer tão cedo!

Zé Brabo respondeu num tom agressivo, sem se preocupar com os sentimentos alheios:

– Não me desafiem. Eu é que vos pago o salário! Eu é que vos faço ter algum trocado no bolso! Deixem de falar e pensar no tempo, peguem nas vossas coisas... e partamos!



Em casa, a mulher do Zé, que dormia ao som da chuva e despertou com a agitação do marido, regressado a casa para apanhar os seus próprios instrumentos de trabalho, assustou-se e perguntou:

– O que há meu amor? Onde vais? Tás com um tom muito tenso!

Respondeu com voz de rejeição, zangado:

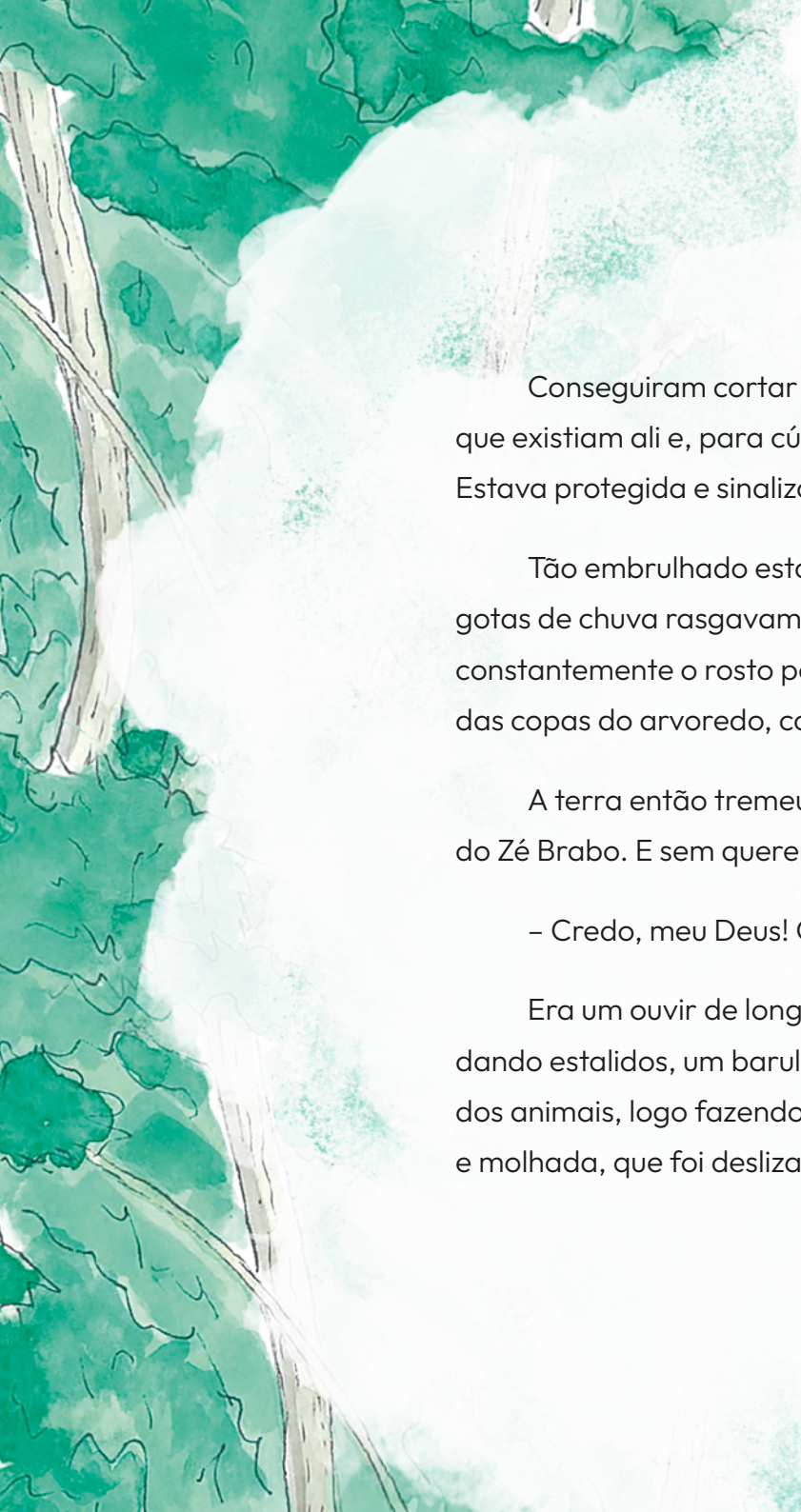
– Pequenaaaa fica quieta! – e olhando a esposa dentro dos olhos, numa afirmação que lá bem no fundo, poderia ser uma quase interrogação, atirou – Sem dinheiro não me queres. Vou terminar o trabalho que deixámos. Não viste que lá fora, no estrangeiro, não tem chuva nem sol? Trabalho é trabalho! E o que será de mim sem dinheiro!!!

Mesmo assim, D. Lena pensou em impedi-lo:

– Mas vais trabalhar com este tempo tão adverso? Enfim Zé... – resmungou consigo mesma – Esse homem não vê que o tempo está mau, e que a vida é uma só, sabeeee!







Conseguiram cortar uma das árvores mais frondosas que existiam ali e, para cúmulo, era uma árvore centenária. Estava protegida e sinalizada pela Direção das Florestas.


Tão embrulhado estava o Obô, que o vento e as grossas gotas de chuva rasgavam as suas costas, obrigando-os a limpar constantemente o rosto por causa da tanta água que escorria das copas do arvoredo, como das abas dos seus chapéus.

A terra então tremeu de um jeito, que o medo apoderou-se do Zé Brabo. E sem querer, a motosserra caiu-lhe das mãos.

– Credo, meu Deus! O que será isso?!?

Era um ouvir de longe e de perto das árvores caindo, ramos dando estalidos, um barulho ensurdecido acompanhado de gritos dos animais, logo fazendo presente um verdadeiro rio de terra seca e molhada, que foi deslizando ao longo da encosta.





Na confusão, viam-se inúmeros animais fugindo dos seus abrigos, para não serem dizimados pelas pedras, raízes e troncos diversos. Era um caos na floresta, debaixo da chuva intensa. Salve-se quem puder!

De repente, o Carlos grita:

– Chefeeee cuidado senããããooooo morremos!

Teve somente tempo para se desfazer de tudo a afastar-se do local, vendo os seus equipamentos serem consumidos pelo deslizamento de terra, todo ele desmanchando-se em água corrente e muita lama.

Sucedeu-se um autêntico pânico. Correr para aqui, correr daqui, correr para lá. Sem cabeça para pensar na situação que estavam a viver, Lúcio interpela o Zé Brabo:

– Chefe, o que faremos agora?

A resposta surgiu, cabisbaixa e hesitante:

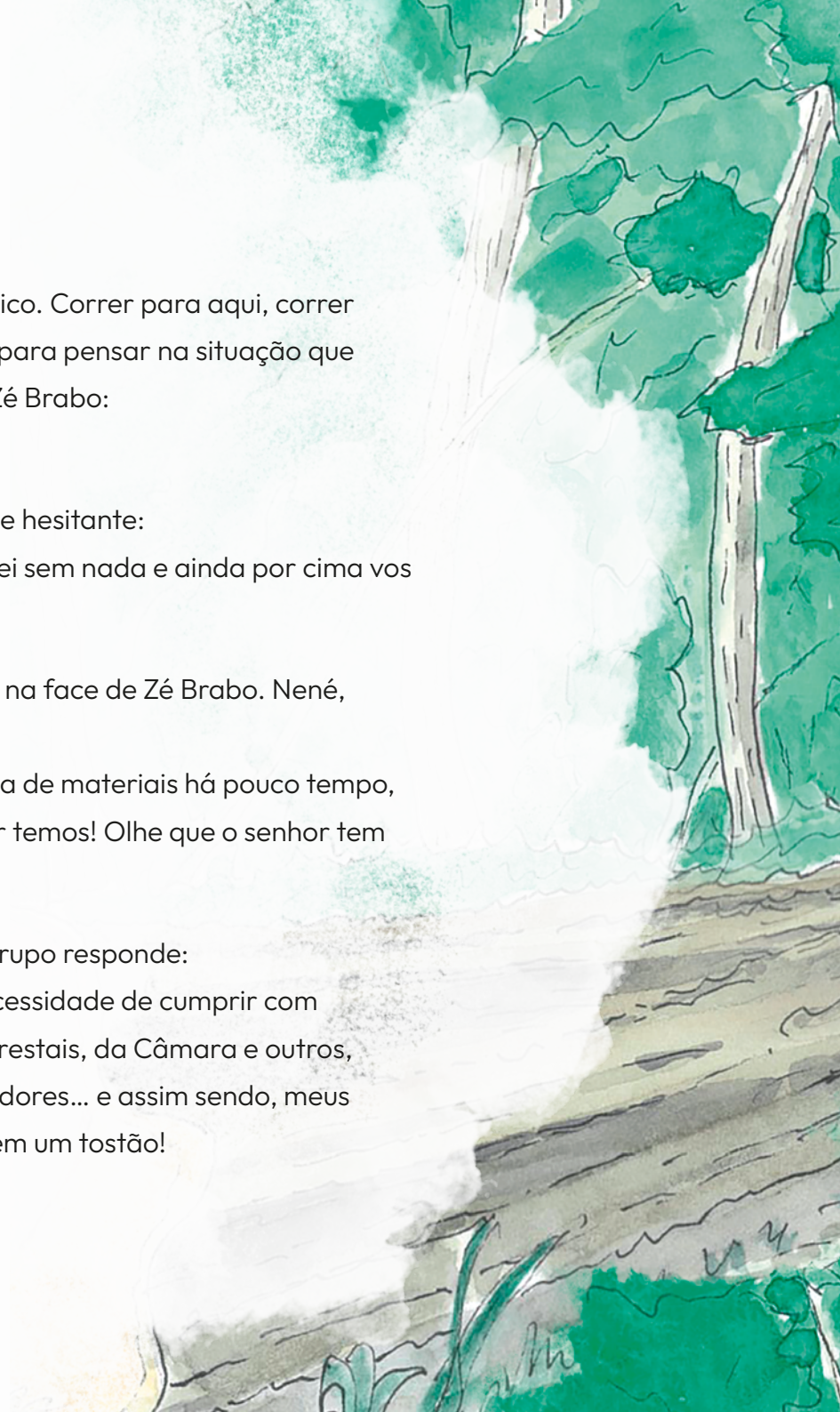
– Nem pensei ainda, só sei que fiquei sem nada e ainda por cima vos devo o salário deste mês...

A contrariedade era evidente na face de Zé Brabo. Nené, sempre mais frontal, relembra:

– Sr. Zé, fizemos uma última entrega de materiais há pouco tempo, acho que algo prá gente sobreviver temos! Olhe que o senhor tem que nos alimentar!

Muito apreensivo, o líder do grupo responde:

– Aquela, nem alma tem. Havia necessidade de cumprir com gorjetas aos da polícia, agentes florestais, da Câmara e outros, bem como os carregadores, vendedores... e assim sendo, meus colaboradores, fiquei sem nada. Sem um tostão!





Lúcio, geralmente um pouco mais tímido, suspirou dentro, pra depois soltar a dúvida:

– Poxaaaaaa, contei com o valor da venda anterior para alimentar a família...

Não escondia o desapontamento, arrasado. E insistiu:

– Chefe, não pode me facultar nada? Senhor pode. Senhor é papoite (pessoa com condições financeiras)...

– Rapazes, todos à minha volta só existem pelo que eu faço; pelo que eu tenho. Nem a minha mulher e filhos têm o seu de cada dia assegurado: estão há meses sem conhecer um vintém meu.

A mulher tem dado a volta à situação, assumindo a casa.

Carlos, ouvindo tamanha declaração, comentou:

– Senhor é forte pra todo esse expediente que tem na vida.

Senhor é forte nos bares, nas barracas... e acrescentou, quase com lágrimas nos olhos – A minha família é que não me aceita essa brincadeira; quando não, fico sem de comer e sem roupa limpa!



30



A União

Ser unido é estar ligado num cordão, bem fixo e com propriedades antiferrugem.

Compadecido com a situação, Zé falou para os colegas de profissão, num tom que não escondia a sua preocupação:

– Senhores, o que vamos fazer agora? Ficámos sem nada para nos conseguirmos virar... Não tenho ideia para opinar!

Nené, demonstrando a sua insatisfação, mas com firmeza numa potencial solução, sugeriu:

– Tudo isso é muito injusto!! E se fôssemos pedir lugar para trabalhar nessa empresa ali, que vem reabilitando a via pública, a estrada do litoral?

Subitamente, o Zé responde com indiferença:

– Quem, eu? Ficar até ao final do mês e receber esse troco? Essa ninharia? Deus que não oiça!

Carlos, por sua vez, contemporizou:

– Mas pronto, pelo menos é verdade, se não for isso não suportarei até o final do mês sem tostão... Habituei-me com dinheiro a quente, sempre na mão!

– Bom, já pensei – falou Zé Brabo, com a autoridade de mediador do coletivo – Vamos partir pedra; ali no litoral mesmo tem muitas pedras soltas que podemos aproveitar para negociar. Ficar de braços cruzados é o pior. Lá tem de tudo e do melhor, amigos.

Encorajando todos, confirmou:

– É só partir e partir, ficamos longe dos incómodos e controlo dos perseguidores. Não estamos a prejudicar ninguém mesmo! A pedra está lá. Não tem dono.

– Muito bem – animou-se o Carlos – É por isso que gosto de si. Mente sempre fresca e atualizada!

Nos primeiros dias, as vendas foram fabulosas e o dinheiro entrou fácil, sem resmungar.

Foram partindo pedras e pedras, provocando erosão e entrada de mar à terra; e como consequência, a destruição cada vez maior da via pública.

Advertidos várias vezes pelos residentes e outros por causa da deformação do litoral e da via pública, nada resultou e ninguém os fez parar.









Até o Chefe da Orla Marítima, o Orlando, os aconselhou:

– Senhores, acham que isto é correto? Que será desta via agora e amanhã? Repara um pouco como o mar entrou lá em baixo e ainda por cima vocês nem sequer têm respeito por ninguém. Fazem tudo do vosso jeito. Acho que a vida não vos deu a lição devida!

O semblante do Zé e dos seus companheiros estava muito longe de poder considerar-se amistoso; o Chefe da Orla foi-se afastando, ao ouvir o Nené:

– Deixa-nos safar, antes que atinja o senhor com este martelo.

Continuou o Carlos:

– É seu, o terreno? Isto aí é dádiva do Senhor. Parte quem quer!

– Uns estragam, outros reparam – ouviu-se ainda Orlando. E para que a conversa não se tornasse azeda demais, afastou-se dali a passos gigantes.

Passados uns dias foram surpreendidos pela equipa de recursos humanos, florestais, camarária e da guarda costeira, para serem inquiridos e sensibilizados a não praticarem a ação que vinham exercendo, devido aos problemas que poderiam trazer à população local e ao país.

Como consequência dos seus maus atos, foram orientados e colocados para prestar serviços de interesse comunitário junto à camara distrital.

Contudo a teimosia, a vontade de fazer somente o que vem na cabeça, sem se preocupar com o mundo à sua volta, tudo isso contribuiu para que logo depois passassem a praticar a mesma ação, agora longe dos olhos das pessoas.

Durante a calada da noite removiam as pedras e levavam-nas para um ponto distante das testemunhas. Num canto identificado, eram depositadas as pedras e partidas durante as noites. Pela manhã, logo estava dinheiro à vista!





A Detenção

Sábado, 24 de Dezembro, Zé Brabo com a cara muito sorridente, chama pelos colegas e anuncia que têm dois importantes carregamentos de pedra e brita para serem entregues em Guadalupe, numa construção. Um presente de Natal, quase parecia!

Quando se fala de dinheiro à vista, os olhos tornam-se cintilantes, piores que as estrelas! Nessa mira, todos se esforçaram para cumprir o carregamento, fazendo noitada.

Várias camadas de lixo e de ramos velhos por cima das pedras e da brita que compunham a entrega a fazer, serviam para enganar os polícias. Mas o destino estava traçado e não era possível fugir-lhe.

Os materiais foram apreendidos durante um controlo de trânsito na estrada. E a operação não facilitou que os infratores acionassem a sua teia protetora. A carrinha foi arrastada ao comando policial.

Zé Brabo e os seus homens foram entregues à justiça e julgados por desmando, abuso de confiança e destruição do bem nacional. Condenados, cada um, a três anos de cadeia, com prestação de serviços sociais.

Os bons valores morais e cívicos aí transmitidos teriam os seus efeitos. E o esforço no sentido de mudar costumes e hábitos cumpriria também os seus objetivos, ao ponto de servirem os condenados de exemplo para diferentes ações que demonstravam a possibilidade de arrependimento, de redenção.

Cumprida a pena, no entanto, trabalho e salário não os esperavam lá fora...

Mudar o homem é o mais difícil. É preciso que se invista nele para que ele por sua vez venha, por si mesmo, a mudar-se.

Há tempo curto... e tempo rápido.







A Sobrevivência

Os vícios adquiridos e a vontade de serem independentes a qualquer custo levou quase todo o grupo a enveredar por outra profissão ilícita. Quase, mas não todo: o Lúcio chegou junto dos companheiros a pensar por si:

– Eu prefiro não ir trabalhar onde apontaram, mas vou lutar para ser autónomo. O que passei na cadeia, espero nunca mais voltar ali. Prefiro estar perto da minha família e sustentá-los à moda do tempo.

Zé Brabo, ouvindo tamanha confissão, menosprezou-o:

– Tu és doido e fraco! Espero voltar a vê-lo entre nós.
– Só se não mudei por dentro – voltou a repisar Lúcio – Sei o que é estar entre quatro paredes, estar sob o apontar das armas, dos cães soltos e dependente de um wc fedorento.

O Zé Brabo mais uma vez demonstrou a sua contrariedade em aceitar a opinião do Lúcio:

– Vamos esquecer este bobo e pensemos em nós. Não percamos mais tempo!

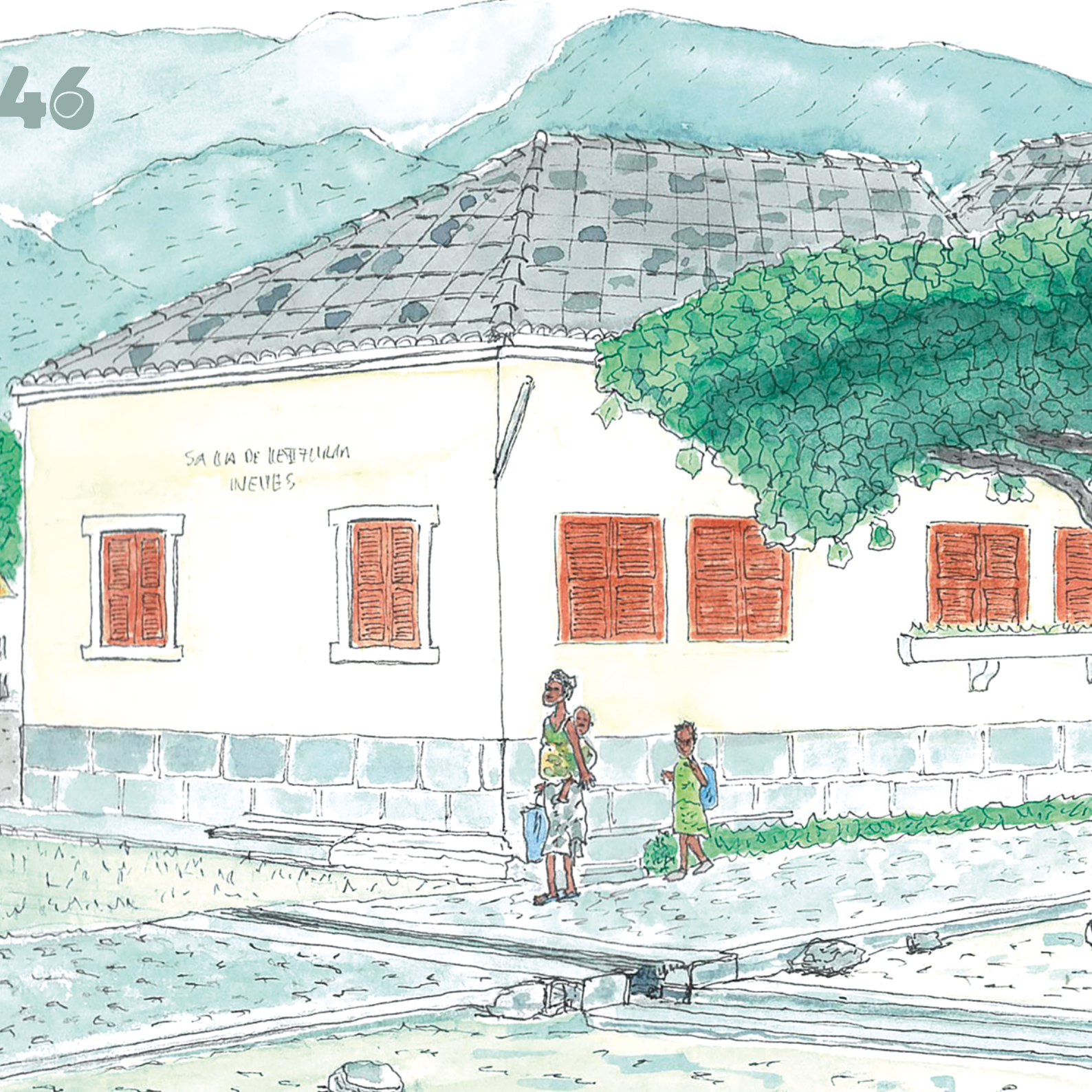
E encorajou os colegas a segui-lo, com base na sensibilização feita:

- Sabem, carvão está a bater. Vamos fazer queima de carvão, com a falta de lenha e o aumento do custo de vida, vamos pipocar bastante!
- Aonde Sr. Zé? – questionou Nené, ainda com algumas dúvidas– Vamos lembrar das humilhações porque passamos. Acho que temos que arranjar algo que nos favoreça e não nos deixe vulneráveis. A minha pele arde!
- Vamos lá para o Monte Poco Muala, rapazes. Vocês não são como o Lúcio! Lá tem tudo pra vivermos. Tem arbustos ao longo das encostas e pequenas aberturas onde podemos fazer escavações para queima do carvão e lenha com fartura. Um mundo cheio de promessas e sem perturbações.


Monte Poco Muala, uma das encostas mais altas da cidade. Rodeado de pequenas árvores, arbustos e trepadeiras sem conta. Tinha cerca de noventa e poucos metros de altitude. As grandes rochas que se encontravam no local pareciam arte humana. Todas as pedras colocadas em cadeia, sobre um solo muito permeável.

As árvores de maior porte e espécies mais valiosas encontravam-se embrulhadas com as rochas, sendo de alcance realmente difícil. Era preciso usar capacetes para proteger-se das pequenas pedras que caíam com a ação do vento e o baloiçar dos ramos.





SA CIA DE RESTAURACION
INVENTES

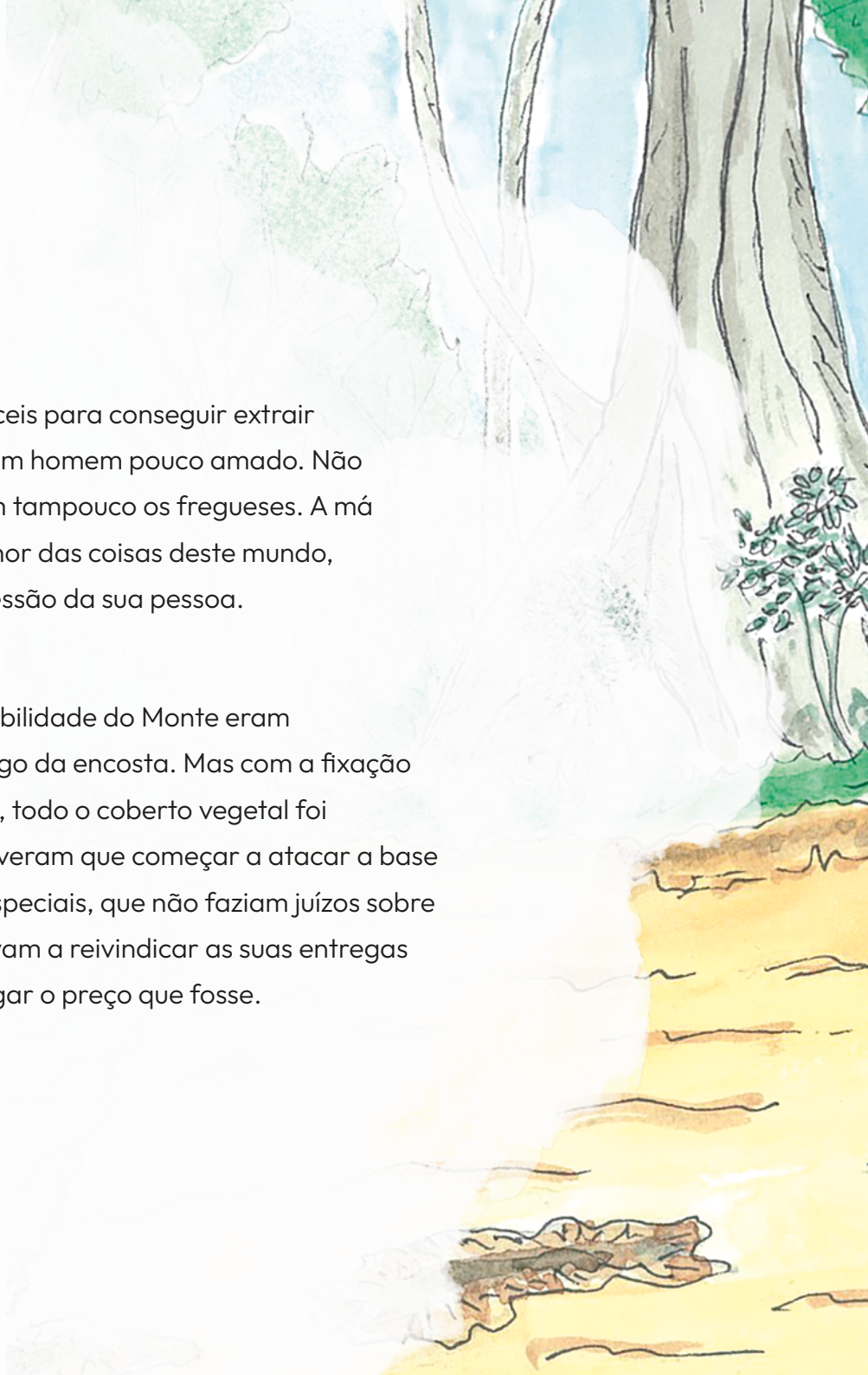
A watercolor illustration of a landscape. On the left, a large, leafy green tree stands in front of a yellow house with red shutters. Below the house is a white fence. In the foreground, there are green and blue horizontal strokes representing a path or a stream. The background shows a hazy, green mountain range.

Iniciaram a queima no ponto mais alto do Monte. Para chegar a este ponto tinham que usar cabos e ter sempre Deus em primeiro lugar. Altura não recomendada aos que sentem vertigens! Os sacos de cavão eram atirados para baixo ou, outras vezes, atados às costas e guiados até a base do Poco Muala.

A Lena, mulher amada e sofrida, todos os dias tinha que levar as refeições aos carvoeiros. Trepava a escalada que nem homem. Agarrando-se de árvore em árvore, taco em taco, com o de comer numa mão e o filho nas costas, subia a encosta leve-leve. Foi adquirindo habilidades, tendo com o tempo passado a usar um cabo preso a um ferro dobrado: de passo em passo, atirava-o para ser agarrado nos pequenos arbustos que ia encontrando durante a caminhada. A agilidade ímpar da Lena levou a que todos passassem a chamar ao Monte de Poco Muala. Pois era preciso ter garra, coragem e muito treino para suportar tanta altura e tanta dificuldade.

Devido aos trabalhos difíceis para conseguir extrair o carvão, Zé Brabo tornou-se um homem pouco amado. Não sabia valorizar as pessoas, nem tampouco os fregueses. A má fama e o pensar que era o senhor das coisas deste mundo, criavam sempre uma má impressão da sua pessoa.

Por outro lado, a sustentabilidade do Monte eram as árvores que cresciam ao longo da encosta. Mas com a fixação do Zé e dos seus companheiros, todo o coberto vegetal foi rapidamente escasseando. E tiveram que começar a atacar a base do Monte. Tinham fregueses especiais, que não faziam juízos sobre a pessoa que vendia: continuavam a reivindicar as suas entregas e estavam disponíveis para pagar o preço que fosse.







Os Mandos do Tempo

Nunca é fácil fazermos da vida o que a gente pensa e determina. Vive-se segundo os mandos do tempo. Tornamo-nos muitas vezes reféns dele, quando desafiamos o destino sem ao menos pensarmos nas consequências que poderão advir dos nossos atos.

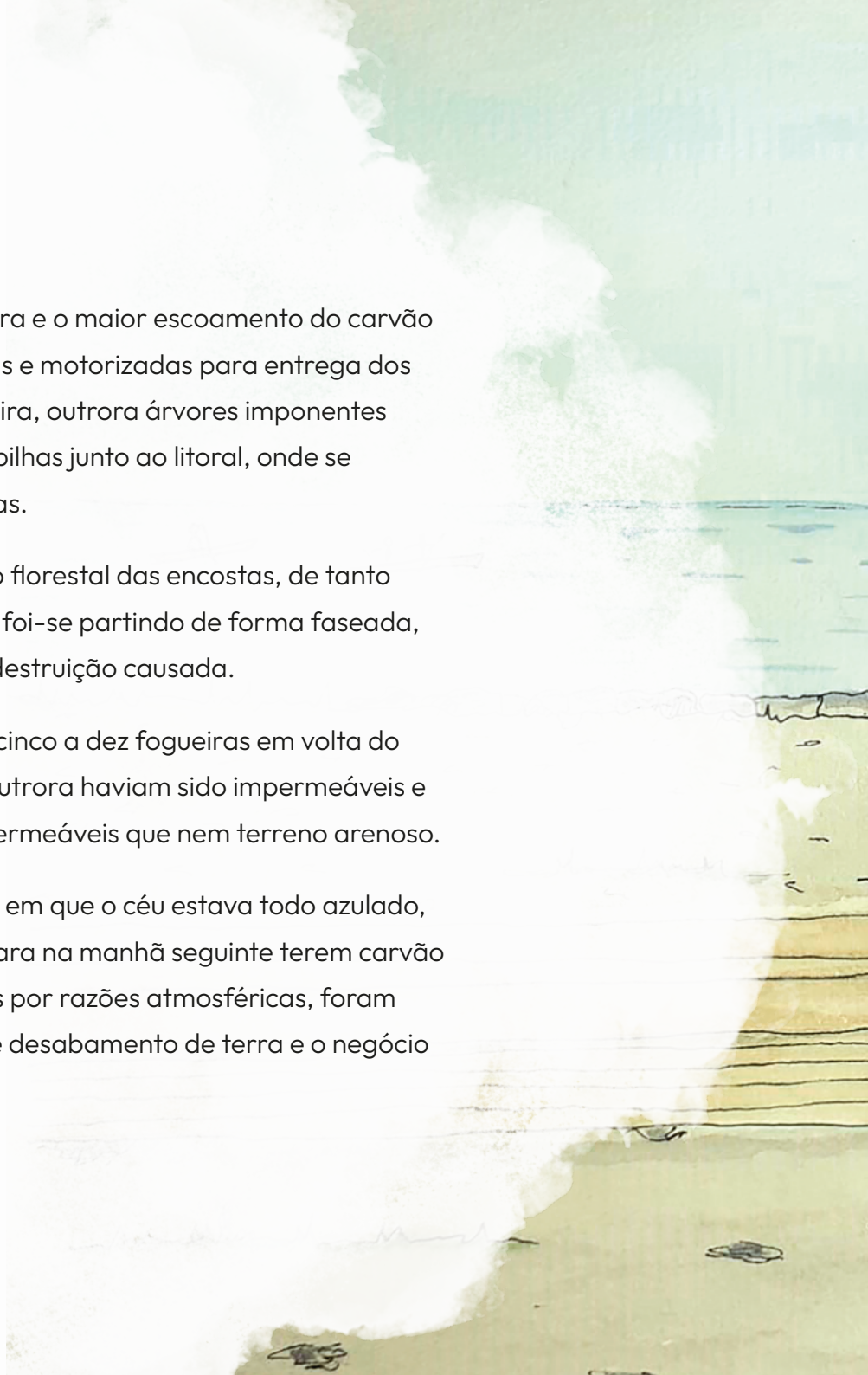
Tinham criado uma suposta empresa de carvão de madeira. Nas casas comerciais e padarias tinham uma fonte de escoamento dos sacos vazios. Zé Brabo e os demais colaboradores eram produtores principais do carvão interno.

Com o aumento da procura e o maior escoamento do carvão fabricado, adquiriram bicicletas e motorizadas para entrega dos materiais. Já as vigas de madeira, outrora árvores imponentes no meio do Obô, cresciam em pilhas junto ao litoral, onde se armazenavam antes das vendas.

De tanto predar o maciço florestal das encostas, de tanto escavar a base do Monte, este foi-se partindo de forma faseada, sem que se apercebessem da destruição causada.

Por dia, tinham cerca de cinco a dez fogueiras em volta do Poco Muala. Os terrenos que outrora haviam sido impermeáveis e pedregosos, passaram a ser permeáveis que nem terreno arenoso.


Numa tarde de Domingo, em que o céu estava todo azulado, atearam cerca de oito fogos para na manhã seguinte terem carvão para dar o destino devido. Mas por razões atmosféricas, foram surpreendidos com um enorme desabamento de terra e o negócio saiu furado.





[Handwritten signature]





Passaram cerca de cinco dias para conseguirem salvar algum do carvão queimado, entre terra, pedras e ramos de arbustos. Os compromissos assumidos e os valores em dinheiro recebidos como adiantamento transformaram-se num túnel escuro e sem eletrificação. Como se tivessem colocado um leão faminto, preso junto das crias.

O esforço passou a ser redobrado e sempre na desconfiança do próximo desastre.

E porque a gente não aprende corretamente sem que sinta na pele, o Zé sugeriu o seguinte aos companheiros:

- Tive um pensamento genial e se vocês aprovarem, pomos de imediato a mão na massa!

Proseguiu, perguntando aos demais colegas:

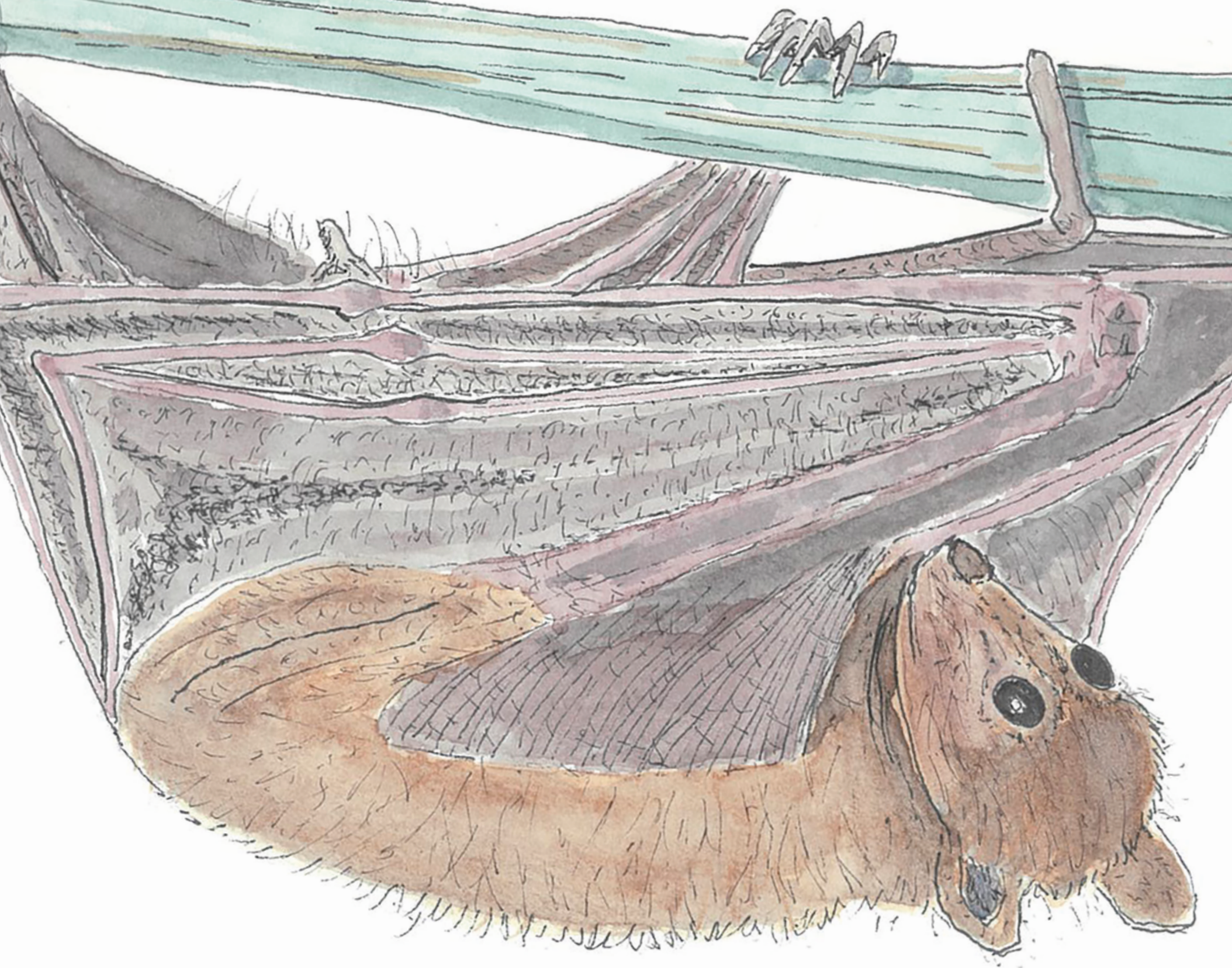
- Temos ali uma cavidade, onde geralmente nos abrigamos nos momentos de sol e chuva, estão a ver qual? Ora para não voltarmos a ter o mesmo prejuízo, achei por bem aproveitarmos a cavidade para atear fogueira.
- Ideia brilhante!- concordou logo Carlos - E ademais, a fogueira é abafada, somente se verá o fumo e mal nenhum fará à cavidade.

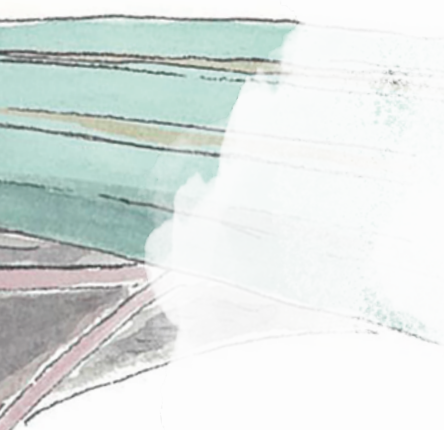
Esqueceram-se, claro, que quanto mais fogos mais a terra perde a durabilidade e resistência. Poder-se-ia, assim, provocar um colapso ainda pior que o anterior.

- Sabes que eu nem tinha pensado nisto?- comentou Zé Brabo
- Gente amanhã faremos um trabalho de empreitada. Todos com pá , picareta, enxada, abriremos covas e mesmo manhã meteremos fogo!

Na manhã seguinte, todos se dirigiram ao local combinado. A cavidade tinha uma extensão de cento e cinquenta metros quadrados, com pequenas aberturas entre rochas e escuridão. O ambiente era calmo e aconchegante.







Servia de esconderijo a alguns pássaros e animais, mas com a permanência dos homens ali foram fugindo do seu habitat. Tinha duas entradas, uma na parte principal e outra que só permitia a passagem de uma pessoa de cada vez; de lado, percebia-se a queda de terra e pedregulhos.

O dia foi de luta. Um almoço rápido, à moda da profissão, foi realizado, mas o melhor estava por vir. Pela madrugada, a família do Zé Brabo apresentou-se no local, conforme combinado.

De um momento para o outro, o mau tempo toma conta do ambiente e subitamente entra no espaço um grande morcego, pousando num canto mais alto da cavidade, onde uma enorme rocha suportava, ou isso dava a entender, as outras rochas em redor.

Carlos, que nunca suportava ficar um momento sem atirar pedras a algo que lhe parecesse estranho, ao verificar o animal não esperou e atirou, com a força e a pontaria que conseguiu, uma pedra para atingir o morcego. A pedra atingiu uma velocidade e um efeito tais que, em vez de caçar o animal, foi embater com estrondo na tal rocha que protegia as outras.



Os estilhaços atingiram uma grande área, permitindo que a par e passo começassem a cair primeiro pedrinhas, depois barro, de seguida pedras cada vez maiores e grandes volumes de terra. O Monte desmoronava e ninguém se apercebeu do tamanho da desgraça, até que esta estivesse completamente consumada.

O único sobrevivente foi o próprio o Zé Brabo. Mas não completamente.

A perda familiar, a perda profissional, a perda causada à comunidade e a perda da própria liberdade, porque Zé Brabo acabaria condenado a prisão perpétua, foram um preço demasiado elevado a pagar. Um preço que já só tarde demais seria capaz de compreender e avaliar em toda a sua extensão.

Os desmandos, os abusos, a indisciplina, a vontade de fazer a sua vontade desrespeitando tudo e todos, tiveram como consequência a morte não apenas da sua família e dos seus companheiros de trabalho, seus únicos amigos afinal, mas ainda a destruição de um local turístico, do ambiente natural envolvente, da Vida de tantos e de tanto! Não suportou nem o desgosto, nem a culpa. E veio a ter morte súbita, na prisão, dois anos depois de lá ter entrado.









Ficha Técnica

Título: Lições do Monte Poco Muala

Autor: Alexandre Quaresma

Ilustrações: Carlos Fidalgo

Coordenação Editorial: Renata Marques

Coordenação Geral: Associação Marquês de Valle Flôr e SPHAERA MUNDI

Edição: 1ª Edição

Volume 1

Design e Paginação: A Cor Laranja

Impressão: Onda Grafe

Tiragem: 100 exemplares

ISBN: 978-989-53141-4-0

Ano: 2022





ILHAS E ENCANTAMENTOS



ilhasencantamentos.org

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

Esta publicação foi produzida com cofinanciamento do Camões, I.P. Os conteúdos são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. Nem o Camões, I.P, nem qualquer pessoa agindo em seu nome é responsável pela utilização que possa ser dada às informações contidas na presente publicação. O seu conteúdo não implica a expressão de opinião do Camões, I.P ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. A referência a ações, produtos, ferramentas ou serviços específicos não implica que estes sejam apoiados ou recomendados pelo Camões, I.P. ou que lhes seja atribuída qualquer preferência relativamente a outros não são mencionados.



Casa da Cultura
de São Tomé e Príncipe

Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P.